



TOMAR DECISÕES

Todos somos, ao longo da nossa vida, obrigados ou compelidos a tomar decisões. Algumas fáceis e sem grandes consequências, outras que mudam a nossa vida e podem condicionar a vida de outras, outras ainda que são chamadas decisões de vida ou de morte. Parece um lugar-comum fazer esta afirmação e de certa forma é, mas também é naquilo que para nós parece ponto assente e corriqueiro, e, quando nos debruçamos mais prolongadamente, de forma mais profunda, surgem aos nossos olhos factos que nos surpreendem e nos fazem dizer: Como é que eu não vi isto?

Uma decisão tomada de forma leviana pode destruir em segundos aquilo que levou uma vida a construir e ter consequências desastrosas para terceiros. Um acto simples como perguntar as horas a alguém sentado num banco de um jardim pode parecer uma acção inocente e sem consequências mas, imaginem que essa pessoa era um investigador que profundamente se encontrava mergulhado na descoberta e interpretação de uma visão que estava a ter sobre a cura do cancro, ou de algo dramático e de importância crucial para a humanidade. O nosso simples acto poderia quebrar o fio do acontecimento e fazer perder, para sempre, algo com consequência inimagináveis na rede de relações e de acontecimentos que organizam a nossa vida. Um simples e inocente perguntar as horas ... Quantas das vezes, é que, simples acções despoletaram coisas e que nem sequer conseguimos vislumbrar na sua verdadeira dimensão. Um assassinato, na Croácia, em 1914 despoletou uma acção que levou à morte milhões de pessoas, na I Grande Guerra, e que ainda hoje produz ondas no lago da nossa existência.

Há decisões que nos aproximam das nossas metas e outras que nos afastam. É importante entender que quando se não conhece todas as cartas de um baralho ficamos condicionados e interpretamos erradamente a realidade sobre a qual teremos de decidir. Hoje isso é o que acontece frequentemente na nossa sociedade, pois ela está estruturada para nos condicionar, e encaminhar a que tomemos decisões, sejam pessoais sejam políticas e sociais, de acordo com as estratégias de outros que podem controlar os meios de comunicação social ou mesmo um sistema de ensino.

Para um pretendente ao trabalho numa Escola clássica (Koryu – Fluxo antigo -古流) há que tomar decisões que podem modificar a vida para melhor, ou se as expectativas estavam erradas, e o pretendente foi mal informado, ou entendeu mal os princípios que regem um sistema clássico de ensino das AM, a decepção pode ser grande, daí que o pretendente é obrigado a um processo de reflexão antes de tomar a decisão de fazer o Nyumonsha, a cerimónia de entrada oficial e definitiva, onde assinando uma declaração de honra, com o sangue do seu dedo, passa a fazer parte de uma família especial. Podemos dizer que é quase como um processo de iniciação e de passagem ao estado de “adulto”. A partir daí todas as decisões que tomar tem consequências muito maiores e mais complexas que antes. Imaginem um indivíduo que decide enveredar pelo álcool, se ele é uma pessoa só e sem família, aquilo que ele fizer irá recair somente sobre si somente, mas se tem mulher e filhos, eles irão sofrer essa tomada de decisão errada. No Bugei é assim. O responsável é “pai” dos seus alunos e se eles erram ele deve assumir os erros porque está a ser um mau educador. É claro que isto hoje é uma aberração pois ninguém é responsável seja pelo que for. Mas nós também dizemos que se o pai “errar” a fama e a



mancha cai também sobre a família “alunos”. Não é pois aceitável viver dentro de uma Koryu de forma leviana. Os princípios são sagrados e as decisões, todas elas, são importantes mesmo as mais simples.

No plano técnico é fácil entender que uma deslocação para a esquerda, quando devíamos ir para a direita, um avançar quando devíamos estar quietos ou vice-versa são a diferença que fazia decidir quem vivia e quem morria. Antigamente um aluno ao ser proposto a uma passagem de nível só podia cometer três erros (e era visto como um processo de grande tolerância). Se ele falhasse teria de sair da Escola definitivamente e se tivesse alunos ao seu cargo eles deviam também sair. Terrível? Não. Era uma forma de levar o aluno a ter consciência do dever, honra e de que as tomadas de decisão podem ser fatais e portanto nunca tomadas de animo leve.

Estar sempre atento, sem tensão e agir com plena consciência para o que vier, bom ou mau, tem de ser aceite e é tarefa para todos. Para nós, mulheres e homens do Bugei é inquestionável.

Sejamos uma família, e numa família não há dois pais ou duas mães. Não há duas lealdades. E no momento das tomadas de decisão estejamos sempre presentes junto daqueles que contam para nós para os ajudar a escolher a melhor das decisões, sabendo que não há decisões totalmente certas, mas que há as que são totalmente erradas.

Lisboa, 2 de Julho de 2014